

Dora Kramer*

Haddad ri por último

Foi revelador da urgência do PT em ter candidaturas fortes nos estados assistir ao chamado da ministra Gleisi Hoffman para que todos vistam a camisa do partido na eleição de outubro. Em particular, Fernando Haddad, segundo ela qualificado para encarar o desafio em São Paulo.

Mais sintomático foi ver o sorriso de banda do ministro da Fazenda ao ser instado a comentar a declaração. "Comemoro ser elogiado por Gleisi", disse, para em seguida se desvencilhar dos microfones e entrar na portaria do ministério, deixando no ar a ironia.

A cena aconteceu na quinta-feira (29) e deu a Haddad a chance de revidar as críticas que a então presidente do PT fazia a ele antes de assumir a pasta da articulação política. Na mais ácida delas, Gleisi qualificou a política conduzida pelo ministro como "austericídio fiscal".

A pregação por mudança de rumo significava que Fernando Haddad traía as ideias do partido. Portanto, natural que ele se questione se compensa atender ao apelo de quem o considerou um traidor. Pois então, não

servia para comandar a economia, mas serve para defender as bandeiras do petismo naquela que deve ser a mais difícil das disputas estaduais de 2026?

A situação impõe um dilema ao ministro já em ritual de despedida do cargo. Sofre pressão poderosa para se engajar na luta mesmo contra vontade, mas se não ceder pode ser responsabilizado por não ter contribuído para ajudar a campanha de Lula no maior colégio eleitoral do país.

Numa eleição apertada como a que se desenha, uma boa votação em São Paulo pode fazer a diferença entre o êxito e o fracasso. A despeito de haver razões adicionais para a hesitação, ele pode não querer correr o risco de incluir no currículo a quarta derrota em dez anos.

Mas, se resolver arriscar -inclusive porque eleição não se decide de véspera-, Haddad vai precisar deixar o desagrado de lado. Desanimado e indo ao pleito forçado, não conseguirá convencer o eleitorado de que, mais uma vez, vale a pena tentar.

*Jornalista e comentarista de política

Leonardo Boff*

A desumanidade dos escravocratas de ontem e de hoje

A palavra escravo deriva de slavus em latim, nome genérico para designar os habitantes da Eslávia, região dos Bálcãs, no sul da Rússia e às margens do Mar Negro, grande fornecedora de pessoas feitas escravas para todo o Mediterrâneo. Eram brancos, louros com olhos azuis. Só os otomanos de Istambul importaram entre 1450-1700 cerca de 2,5 milhões dessas pessoas brancas e escravizadas.

No nosso tempo, as Américas foram as grandes importadores de pessoas de África que foram escravizadas. Entre 1500-1867 o número é espantoso: 12.521.337 fizeram a travessia transatlântica, das quais, 1.818.680 morreram a caminho e foram jogados ao mar. O Brasil foi campeão do escravagismo. Só ele importou, a partir de 1538, cerca de 4,9 milhões de africanos que foram escravizados. Das 36 mil viagens transatlânticas, 14.910 destinavam-se aos portos brasileiros.

Estas pessoas escravizadas eram tratadas como mercadorias, chamadas "peças". A primeira coisa que o comprador fazia para "traze-las bem domesticadas e disciplinadas" era castigá-las, "haja açoites, haja correntes e grilhões". Os historiadores dos escravocratas criaram a legenda que aqui a escravidão foi branda, quando foi crudelíssima. Dou dois exemplos aterradores:

O primeiro: O holandês, Dierick Ruiters que em 1618 passou pelo Rio relata: "Um negro faminto furtou dois pães de açúcar. O senhor, sabendo disso, mandou amarrá-lo de braços a uma tábua e ordenou que um negro o surrasse com chicote de couro; seu corpo ficou da cabeça aos pés, uma chaga aberta e os lugares poupadados pelo chicote foram lacerados à faca; terminado o castigo, um outro negro derramou sobre suas feridas um pote contendo vinagre e sal...tive que presenciar -relata o holandês- a transformação de um homem em carne de boi salgada; e como se isso não bastasse, derramaram sobre suas feridas piche derretido; deixaram-no toda uma noite, de joelhos, preso pelo pescoço a um bloco, como um mísero animal" (- Cf. L.Gomes, Escravidão vol.I,2019,p.304). Sob tais castigos, a expectativa de vida de uma pessoa escravizada em 1872 era de 18,3 anos.

O outro não menos horripilante, vem do antropólogo Darcy Ribeiro, que pinta a situação geral do escravizado: "Sem amor de ninguém, sem família, sem sexo que não fosse a masturbação, sem nenhuma identificação possível com ninguém - seu capataz podia ser um negro, seus companheiros de infortúnio, inimigos -, maltrapilho e sujo, feio e fedido, perebento e enfermo, sem qualquer gozo ou orgulho do corpo, vivia a sua rotina. Esta era sofrer todo dia o castigo diário das chicotadas soltas, para trabalhar atento e tenso. Semanalmente, vinha um castigo preventivo, pedagógico, para não pensar em fuga, e, quando chamava atenção, recaía sobre ele um castigo exemplar, na forma de muti-

lações de dedos, do furo dos seios, de queimaduras com tição, de ter todos os dentes quebrados criteriosamente, ou dos açoites no pelourinho, sob trezentas chicotadas de uma vez, para matar, ou cinqüenta chicotadas diárias, para sobreviver. Se fugia e era apanhado, podia ser marcado com ferro, ser queimado vivo, em dias de agonia, na boca da fornalha, ou, de uma vez só, jogado nela para arder como um graveto oleoso" (O Povo Brasileiro,1995,p.119-120).

O jesuíta André João Antonil dizia: "para o escravo são necessários três Ps, a saber: pau, pão e pano". Pau para bater, Pão para não deixá-lo morrer de fome e Pano para esconder-lhe as vergonhas. De modo geral a história dos escravizados negros foi escrita pela mão branca.

É sempre atual o grito lancinante de Castro Alves em "Vozes d'Africa": "Ó Deus, onde estás que não respondes? Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes/ Embuçando nos céus? Há dois mil anos te mandei meu grito/ Que embalde, desde então, corre o infinito... /Onde estás, Senhor Deus?" Como dói! Jessé de Souza em sua obra mostrou que o que os escravocratas fizeram com os negros, a maioria da atual classe dominante, transfere em desprezo e ódio aos negros de hoje.

Falo como teólogo:misteriosamente Deus se calou como se calou no campo de extermínio nazista de Auschwitz-Birkenau que fez o Papa Bento XVI,estando lá, se perguntar:" Onde estava Deus naqueles dias? Por que Ele silenciou? Como pôde permitir tanto mal?"

E a pensar que foram cristãos os principais escravocratas. A fé não os ajudou a ver nessas pessoas "imagens e semelhanças de Deus", menos ainda, "filhos e filhas de Deus", nossos irmãos e irmãs. Como foi possível a crueldade nos porões de tortura dos vários ditadores militares do Brasil, da Argentina, do Chile, do Uruguai, de El Salvador que se diziam cristãos ou católicos? E o ex-presidente, condenado por tentativa de golpe de estado, Jair Bolsonaro, defendia publicamente a tortura como modo de enfrentar opositores.

Quando a contradição é grande demais que vai além de qualquer racionalidade, que encontra aqui o seu limite, simplesmente calamos. É o mysterium iniquitatis, o mistério da iniquidade que até hoje nenhum filósofo, teólogo ou pensador encontrou-lhe uma resposta. Cristo na cruz também gritou e sentiu a "morte" de Deus. Mesmo assim vale a apostila de que todas as trevas juntas não conseguem apagar uma luzinha de bondade que brilha na noite humana. É a nossa esperança contra toda a esperança.

*Leonardo Boff é filósofo, teólogo escreve para a revista LIBERTA do ICL (<https://www.revistaliberta.com.br>) ; Paixão de Cristo-paixão do mundo, Vozes 2009.

EDITORIAL

Antirracismo em Niterói

Em Niterói, a luta antirracista terá uma grande aliada. Isso porque o Museu Antonio Parreiras realiza, ao longo do mês de fevereiro, uma programação educativa e cultural integrada às ações resultantes da inclusão ao Programa de Museus Antirracistas, do Instituto Pretos Novos.

As atividades gratuitas dialogam com a exposição "Zumbi: Reinar sobre a História", que está à mostra no local, e propõem reflexões sobre ancestralidade, memória, identidade e práticas culturais afro-brasileiras.

A programação do equipamento da Fundação Anita Manganhudo de Artes do Estado do Rio de Janeiro (Funarj) reúne ações educativas, oficinas e encontros voltados a públicos de diferentes idades, articulando educação musical, acessibilidade e participação social. Às vésperas do Carnaval, as atividades também incorporam a maior festa popular do país como eixo cultural, reconhecendo a festa como patrimônio vivo e linguagem de expressão coletiva, memória e criação artística.

Ao longo do mês, o público poderá participar de ações educativas contínuas relacionadas à exposição, como atividades sobre símbolos Adinkra, contação de histórias sobre Zumbi dos Palmares e rodas de conversa mediadas a partir de elementos da cultura africana e afro-brasileira. As três

atividades tiveram início em 1º de fevereiro e seguirão disponíveis até o encerramento da exposição "Zumbi: Reinar sobre a História".

A programação inclui ainda oficina criativa ligada ao carnaval, destinada a turmas de escolas públicas, de confecção de instrumentos musicais a partir de materiais recicláveis, no dia 10. Além disso, haverá uma edição especial da "Noite com Parreiras: Carnaval", no dia 26, e da Oficina Criativa Narrativas e Cartografias, voltada à escrita, memória e território, no dia 28, fechando o mês de fevereiro.

As ações desenvolvidas pelo Museu Antonio Parreiras integram o Programa de Museus Antirracistas, iniciativa do Instituto Pretos Novos que orienta práticas educativas, institucionais e curatoriais comprometidas com o enfrentamento ao racismo estrutural e a valorização das matrizes afro-brasileiras e afro-indígenas nos espaços museais.

Na Funarj, o programa vem sendo implementado em seus museus como parte de uma política de ampliação do acesso, da inclusão e da diversidade. A iniciativa reforça o papel dos equipamentos culturais como espaços de memória, educação e transformação social, fortalecendo práticas institucionais alinhadas à equidade e à responsabilidade pública da cultura.

Opinião do leitor

Legião imortal

Comandada por Renato Russo, a Legião Urbana faz mais do que parte do imaginário cultural e afetivo do país, basta ver a quantidade de fãs que ainda ouvem suas canções e repassam as mensagens deixadas por letras carregadas de crítica social, ousadia e esperança. Vamos celebrar a Legião. Ser imortal!

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Iye Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sá e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro - Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.